

O ano escolar 2005/2006: Algumas mudanças e desafios

A Direcção da APM

É hoje consensual que a forma como os alunos aprendem Matemática nos primeiros anos é crucial para a sua atitude nos anos posteriores como alunos de Matemática e para o seu desempenho como profissionais e cidadãos. Também já se reconhece que as aprendizagens iniciais em Matemática não se podem limitar à aquisição de algumas técnicas de cálculo. O desenvolvimento do raciocínio (analítico, espacial, indutivo, lógico, dedutivo, proporcional, estatístico, probabilístico, ...) da comunicação e da capacidade de resolução de problemas tem de ser o foco do ensino da Matemática logo nos primeiros anos, pelo que a formação de um professor do 1º ciclo, a nível da formação matemática, tem exigências que não se colocavam quando o ensino nos primeiros anos se limitava ao ler, escrever e contar e quando se vivia numa sociedade ainda não "muito modelada" pela Matemática.

Os currículos de formação inicial de professores para os primeiros anos de escolaridade, têm evidenciado uma fragmentação de áreas de conhecimento e uma escassez de tempo dedicado à Matemática e sua Didáctica (entre 5,6% e 9,5% da carga horária total no universo das Escolas Superiores de Educação públicas). E no modelo de formação inicial anterior à criação das ESEs a situação era ainda mais preocupante.

A necessidade de dar continuidade à formação inicial, num processo permanente e centrado nas práticas lectivas tem sido salientado como o caminho a seguir e esse tem sido o foco da atenção e energia da APM. No entanto, sabe-se que a formação contínua é ainda pouco centrada na reflexão sobre a prática e que não cobre as deficiências de formação indicadas no relatório Matemática 2001. Estudos recentes também indicam que a Matemática como matéria curricular não surge com frequência nos planos de formação dos Centros de Formação de Associações de Escolas.

O programa de formação contínua em Matemática para os professores do 1º ciclo, de iniciativa ministerial, a iniciar este ano lectivo e a desenvolver de forma progressiva e continuada no tempo, prevê um modelo em rede entre escolas e agrupamentos, em articulação com as Instituições de Ensino Superior e centrado no trabalho em equipas. Trata-se de um modelo de formação/acompanhamento/supervisão muito ligado às práticas dos professores visto que nas sessões de trabalho quinzenais de cada uma das equipas se pretende, a partir das questões curriculares identificadas pelos professores, planificar actividades e reflectir sobre a sua implementação.

Sem dúvida é um dos grandes desafios para este ano lectivo e seguinte em que muitos de nós irão estar envolvidos

e empenhados. Mas *enfrentar desafios colectivos faz parte do estilo APM*. Será desta que conseguiremos criar uma maior dinâmica de trabalho com vista a um investimento continuado no ensino da matemática no 1º ciclo?

A existência de programas de formação 'oficiais' consistentes e duradouros a par com o trabalho autónomo e colaborativo nas escolas e na Associação, bem como as formações académicas de pós graduação, são essenciais para a existência de professores de matemática qualificados e empenhados nas aprendizagens dos alunos. Não se vislumbram, por isso, razões válidas para ter sido interrompido o acompanhamento em Matemática no Ensino Secundário, numa altura em que estavam a ser implementados novos e diversificados programas, pelo que se torna necessário recuperá-lo com as adaptações necessárias. Neste quadro de formação, são necessárias medidas que envolvam os professores do 2º e 3º ciclos, no sentido de harmonizar o programa e o currículo nacional.

Tendo os programas de Matemática sofrido mudanças positivas substanciais nos últimos anos, é essencial a persistência na conjugação de três factores: a formação de professores, uma carga horária lectiva e recursos materiais e organizacionais, adequados. A nossa história recente mostra que o menosprezo de um dos factores pode contribuir para a continuação de maus resultados. No caso da implementação dos novos programas de Matemática no secundário, iniciada nos anos 90, cedo se verificou que 4+4+5 tempos de 50 minutos eram insuficientes para diversificar tarefas, usar materiais, investigar e consolidar as aprendizagens de forma harmoniosa. Actualmente, a Matemática A tem 3 blocos de 90m, mas o elevado número de alunos por turma, sem desdobramentos, pode ser um impeditivo para a realização de tarefas mais abertas e apoio eficaz aos alunos. Dois blocos de 90 minutos no 2º e 3º ciclos (o que corresponde a cerca de 12% da carga horária total, enquanto na maioria dos países europeus essa percentagem fica entre 17 e 23%) ou em Matemática B, pode levar ao apressar e agudizar do pseudo antagonismo entre conteúdos ou desenvolvimento de competências, em vez da sua complementaridade.

Algumas das medidas serão da responsabilidade do Ministério ou da gestão das escolas, mas é a nós, professores, que cabe o papel decisivo na identificação dos problemas e das respectivas soluções a implementar em cada caso. Durante o ano lectivo, trabalhando em equipa nas nossas escolas, assumamos o desafio de efectuar mudanças necessárias.

A Direcção da APM